

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

SIMONE SEMENSATTO

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: as Festas
Comunitárias do Município de Estrela – Rio Grande do Sul**

**PORTO ALEGRE
2005**

SIMONE SEMENSATTO

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: as Festas
Comunitárias do Município de Estrela – Rio Grande do Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

**PORTO ALEGRE
2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann
Vice Reitor: Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi
Vice Diretor: Prof. Ricardo S. da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Iara Conceição Bitencourt Neves
Chefe Substituta: Jussara Pereira Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S 471 i Semensatto, Simone.
Informação, Memória e Identidade [manuscrito] : as
Festas Comunitárias do Município de Estrela – Rio Grande
do Sul./ Simone Semensatto; orientador Valdir Jose Morigi.
– 2005.

73 f.: il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia).
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, 2005.

1.Informação. 2.Memória. 3.Identidade. 4.Tradição
5.Festas Comunitárias. I.Morigi, Valdir Jose. II. Título.

CDU 06.078:316.7

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705. CEP: 90035-007
Bairro Santana, Porto Alegre, RS
Fone: (51) 3316.5146
Fax: (51) 3330.6635
E-mail: fabico@ufrgs.br

SIMONE SEMENSATTO

INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: as Festas Comunitárias do
Município de Estrela – Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Biblioteconomia do curso de
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Data da aprovação: _____.

Prof. Dr. Ida Regina Chittó Stumpf/ UFRGS

Prof. Dr. Lizete Dias de Oliveira/ UFRGS

Orientador Prof. Dr. Valdir Jose Morigi/ UFRGS

*À minha mãe,
Terezinha A. P. Semensatto,
e meus familiares.*

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Valdir Jose Morigi pela valiosa orientação nesta pesquisa e minha gratidão por todos os momentos que durante o curso compartilhou comigo do seu conhecimento.

À prof^a. Dr. Ida Regina Chittó Stumpf e prof^a. Dr. Lizete Dias de Oliveira pela atenção e aceitação em fazerem parte da banca examinadora deste trabalho.

A todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para meu crescimento pessoal e profissional, em especial, a minha colega e amiga Sibila F. T. Binotto.

A cultura é uma construção que a humanidade vem elaborando ao longo do tempo, assumindo características específicas em cada época histórica, assim como em cada espaço geográfico. Dentro dessa construção, cada ser humano nasce, cresce e morre. Cada um em particular, e a coletividade como um todo, assimila, reproduz e renova essa herança.

Cipriano C. Luckesi

RESUMO

Este estudo verificou as concepções das festas comunitárias através das narrativas dos organizadores e de seus participantes e como se manifestam os elementos culturais locais e regionais nos festejos. Apresenta a importância da festa como parte da história destas comunidades e da memória social, bem como ajuda na construção da identidade social e da preservação da cultura local e regional. A pesquisa adotou a metodologia descritiva, de cunho qualitativo, para coleta de dados foram aplicados os instrumentos de observação simples e entrevista, se baseando em um roteiro semi-estruturado. Os métodos foram aplicados em festas comunitárias realizadas pelas localidades rurais do município de Estrela – Rio Grande do Sul. Concluiu-se que as concepções dos festejos estão relacionadas com a tradição local, e suas raízes históricas. Os símbolos e as significações da cultura local e regional se misturam com a preservação dos valores do passado e do presente. Assim, nas festas, estes valores, referentes à cultura gaúcha e germânica, se cruzam formando o hibridismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Informação. Memória. Identidade Social. Tradição. Festas Comunitárias.

ABSTRACT

This study verify the conception of community parties through the narratives of the organizers and yours partners and how it manifest the local and regional cultural dements in the celebration. Present the importance of the party as part of history of this communities and of the social memory, as well help in the construction of the social identity and preservation of the regional and local culture. The research adopted the descriptive methodology of qualitative hallmark for dada collect was applied the instruments of observation simply and interview based so in one semi-structured questionnaire. The methods were applied in community parties realized by the rural localities of the municipal of Estrela – Rio Grande do Sul. Conclude so the conception of celebrations are related with the local tradition and yours historical roots. The symbols and the significations of local and regional culture are mixed with the preservation of the value from past and from the present. Thus in parties this values referents to the Germanic and Gaúcha culture cross forming the cultural hybridism.

KEY WORDS: Information. Memory. Social Identity. Tradition. Community Parties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – FESTA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E IDENTIDADE	31
IMAGEM 1 – FAMILIARES E AMIGOS NO SALÃO COMUNITÁRIO	45
IMAGEM 2 – A HORA DO ALMOÇO, MOMENTO DE COMUNHÃO	46
IMAGEM 3 – CELEBRAÇÃO DA MISSA NO DIA DA FESTA	50
IMAGEM 4 – TÉRMINO DA MISSA E RECEPÇÃO DA BANDA MUSICAL	50
IMAGEM 5 – SOCIABILIDADE: GRUPO DE JOVENS REUNIDO PRÓXIMO AO SALÃO COMUNITÁRIO	52
IMAGEM 6 – PARTICIPANTES DENTRO DO SALÃO CONVERSANDO	52
IMAGEM 7 – CALENDÁRIO RELIGIOSO	55
IMAGEM 8 – CARTÃO DE ALMOÇO	56
IMAGEM 9 – TOALHAS E GUARDANAPOS: PROPAGANDA DOS PATROCINADORES	57
IMAGEM 10 – EMPRESA EXPONDO O SEU PRODUTO NA FESTA	57
IMAGEM 11 – SALÃO DECORADO COM BALÕES E FLORES	58
IMAGEM 12 – PAVILHÃO DECORADO COM BANDEIROLAS	59
IMAGEM 13 – JOGO DO CAVALINHO	60
IMAGEM 14 – RADIALISTA FAZ COBERTURA DA FESTA	61
IMAGEM 15 – HOMENS TRABALHANDO NA CHURRASQUEIRA	62
IMAGEM 16 – MULHERES PREPARANDO AS SALADAS	63
IMAGEM 17 – PARTICIPANTES TOMANDO CHIMARRÃO	63
IMAGEM 18 – LEMBRANCINHA VENDIDA NA FESTA	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 <i>Contexto e Delimitação da Pesquisa</i>	12
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE	16
2.1 <i>Memória Social</i>	18
2.2 <i>Identidade Cultural</i>	22
2.3 <i>Festa: memória, tradição e identidade cultural</i>	27
3 CAMINHO INVESTIGATIVO	32
3.1 <i>Objeto e Campo de Estudo</i>	32
3.2 <i>Tipo de Estudo</i>	33
3.3 <i>Etapas do Caminho Investigativo</i>	35
3.3.1 Primeira Etapa	35
3.3.2 Segunda Etapa	36
3.3.3 Terceira Etapa	38
3.4 <i>Experiência de Campo</i>	38
3.5 <i>Limitações da Pesquisa</i>	40
4 NARRATIVAS DAS FESTAS	41
4.1 <i>As Concepções das Festas Comunitárias</i>	41
4.2 <i>A Festa, seus Elementos Culturais e Formas de Comunicação</i>	48
5 CONCLUSÕES	66
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista	73

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa da qual participo como bolsista de iniciação científica coordenada pelo prof. Dr. Valdir Jose Morigi, intitulada: “Informação e Cultura Popular: um estudo sobre produção e uso de informações nas festas comunitárias do município de Estrela – RS.”

A pesquisa parte do conceito de informação segundo a abordagem de Le Coadic (1996) e, a partir daí, buscou-se estudar o ciclo informacional das festas. Com o objetivo de verificar como são produzidas, transmitidas e utilizadas as informações nos eventos, descobriu-se que estes processos são formadores de uma trama de informações. Procurou-se identificar quem são os agentes sociais, as instituições e quais os canais de comunicação responsáveis pela construção da trama de informações que envolve a dinâmica das festas comunitárias. Conclui-se que a trama de informações é responsável pela rede de significados que circula nos festejos, além disso, se percebe um forte sentimento de pertença dos membros que participam destes eventos, fortalecendo a tradição das festas e seus valores culturais locais e regionais.

Tendo por base a trama de informações procurou-se desvendar o fluxo de informações contidos nos festejos. Para tanto, foi necessário identificar quais os elementos constituintes da festa e os canais de comunicação formadores deste processo. Considera-se que as festas constituem-se de diversos fluxos informacionais. Estes ocorrem de forma dinâmica entre os seus diversos agentes e canais formais e informais de comunicação utilizados para divulgação dos eventos.

Conforme Morigi, Binotto e Semensatto (2004), a ação da mídia e suas estratégias de comunicação, no contexto contemporâneo, se expressam de vários modos e em diferentes

situações e realidades. Gradativamente, os componentes da cultura de “massa” estão tornando-se presentes no meio rural e também nas suas manifestações culturais. Sob este olhar, dando continuidade a pesquisa, identificou-se a questão do hibridismo cultural nas festas comunitárias em relação à modernização dos meios de comunicação. Verificou-se como atuam as formas de comunicação “popular” e de “massa” nestas manifestações. Os canais formais de comunicação são os meios “massivos”, eles são responsáveis pelas emissões das mensagens ao grupo e a toda a comunidade, enquanto que os canais informais são resultados das formas de sociabilidade, formadas pelas práticas culturais do grupo social.

1.1 Contexto e Delimitação da Pesquisa

Nas festas comunitárias de Estrela, observa-se a presença da cultura modernizada não somente pela ação nos meios de comunicação. O capitalismo, através das tecnologias de produtos, serviços e informação, está se expandindo e ocupando espaços nas cidades do interior do estado e nas comunidades rurais. Cada vez mais as pequenas cidades estão sendo tomadas pelos costumes e modismos dos grandes centros urbanos. São visíveis as transformações em todos os setores, bem como na educação e nas formas de convivência, nos hábitos e costumes. Essas mudanças de comportamento afetam as práticas sociais, cruzando elementos de efeito global com valores tradicionais locais. A tendência é que, com o passar dos anos, a fragmentação dos elementos culturais afete as práticas culturais locais, fazendo com que estas reelaborem suas concepções, seus traços identitários e seus valores tradicionais.

A presença do hibridismo cultural nas festas pode ser percebida não somente pela mistura de elementos culturais “modernos” e “tradicionais”, mas também pela mistura de

valores culturais étnicos. Neste contexto, o presente estudo verifica as concepções dos organizadores e participantes sobre os festejos e quais os elementos simbólicos envolvidos na construção destes eventos.

Esta pesquisa justifica-se por focar para questões relativas à importância que a informação sobre a cultura regional e local tem para os sujeitos no processo de consolidação da identidade do grupo social e na preservação de suas práticas culturais. Neste sentido, o estudo é uma forma de registro da memória coletiva para a história destas comunidades, uma vez que as informações sobre as festas foram obtidas por meio da memória oral dos seus participantes e organizadores. Compreender o processo de construção cultural das comunidades é importante para identificar suas raízes, valores e crenças, agrupar os saberes dispersos sobre os festejos e dar-lhes sentido.

Estudar, conhecer a cultura é relevante pelo fato de ela ser considerada um processo educativo, onde gerações mais novas convivem, assimilam e servem de meio para preservar e desenvolver as práticas sociais. Esta pesquisa é uma forma de colaborar para futuros estudos na área ou servir como um ponto de partida para sua continuidade.

Este trabalho também evidencia o caráter inter e transdisciplinar da Ciência da Informação com outras áreas do conhecimento, uma vez que passa a integrar a abordagem da informação com enfoque sociológico, abrindo novos horizontes para o campo de estudo da informação tendo por base uma interface entre a construção da informação com dinâmica em fatos sociais.

A pesquisa responde as seguintes questões: quais as informações que constituem a memória social do grupo e formam as concepções das festas comunitárias? Quais os símbolos da cultura local e regional que caracterizam os festejos e a identidade cultural destas comunidades?

A hipótese deste estudo é que as festas comunitárias são concebidas como partes da tradição cultural das comunidades. Estes eventos apresentam traços de origem germânica e estes se cruzam com traços da cultura gaúcha.

Para analisar as narrativas das festas comunitárias, que neste estudo se constituem as concepções sociais, foi necessário buscar na literatura uma abordagem que dialogasse com outras categorias conceituais de outros referenciais teóricos, a respeito de: informação, memória, identidade, tradição e festas comunitárias.

A pesquisa se desenvolveu com base nos seguintes objetivos:

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as informações sobre as festas comunitárias que ajudam a construir a memória social das comunidades rurais do município de Estrela- Rio Grande do Sul.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- a) verificar qual o significado que as festas comunitárias têm para os seus participantes e organizadores;
- b) identificar quais os elementos da cultura regional e local que caracterizam as festas comunitárias e a identidade cultural das comunidades;

- c) identificar quais os elementos “modernos” e “populares” que fazem parte da construção e do cenário das festas comunitárias;
- d) investigar como as informações sobre as festas são comunicadas entre os seus protagonistas.

2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Nesta pesquisa, a informação passa a ser contextualizada em um evento social em que a comunicação entre os sujeitos é imprescindível, e a troca de informações é necessária para a construção do fato social. Em última análise, estuda-se o uso social da informação, tratando-se da relação entre as pessoas e a sua história cultural.

Segundo Morin (1996), a sociedade surge a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos. O autor afirma que, ao se inter-relacionarem, os indivíduos criam organizações que, por sua vez, apresentam especificidades, particularmente, quando se trata da linguagem e cultura. Ao nascer, o indivíduo necessita apreender os códigos de sua cultura para poder se inter-relacionar com os seus semelhantes. Conforme Morin, a comunicação é imprescindível, uma vez que a pessoa constitui-se sujeito pela linguagem.

A linguagem possibilita o processo comunicativo; as informações transmitidas e compartilhadas pelos sujeitos constituem elementos fundamentais na construção e conservação da cultura de uma sociedade ou comunidade, uma vez que passam a ter significado para o mundo subjetivo dos sujeitos e para formação de grupos sociais. Além de um conjunto de dados organizados, a informação também é dotada de significado para o receptor, quando este assimila o conteúdo da mensagem e o transporta para o seu mundo subjetivo, onde o processo comunicacional se efetiva de fato, pois o sujeito vai confrontar a informação recebida com as suas idéias e percepções. Neste sentido, as relações pessoais se constituem de um “agir comunicativo” que norteia as relações do indivíduo com seu mundo, baseado na compreensão de si e dos outros, onde a identidade é construída subjetivamente mediante as narrativas, dos usos, dos costumes, dos saberes e dos valores culturais (HABERMAS, 1988).

Em relação à subjetividade do sujeito, Morin (1996, p.50) afirma: “O processo de auto-referência é o que é constitutivo da identidade subjetiva”. Isto é, o sujeito precisa ter consciência e refletir sobre si mesmo em relação ao mundo externo (objetivo) para poder se compreender dentro de um contexto. Segundo o autor (1996, p.53), “[. . .] existe em nossa subjetividade humana esse lugar habitado pelas noções da alma, do espírito, dos sentimentos [. . .]”. Portanto, a subjetividade está ligada à realidade psíquica do indivíduo, com a forma de pensar, sentir e agir, e também na forma de se relacionar com as pessoas; como viu-se anteriormente, a comunicação se dá através da linguagem, pela troca de informações.

A informação neste estudo é concebida na acepção de Latour (2000, p. 22):

A informação não é um signo, e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma *periferia*, e segundo, que se torna um *centro*, sob a condição de que entre os dois circule um veículo que denominamos muitas vezes forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, eu chamo de *inscrição* [grifo do autor].

Neste sentido, a informação faz a ligação entre o moderno (centro) e o tradicional (periferia). A relação pode-se estabelecer entre os acontecimentos vividos no presente e os fatos ocorridos no passado, marcados por vestígios, em que a inscrição permanece somente naquilo que se vive.

Desta forma, a informação inscrita pode ser transmitida de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de geração a geração, por diversos canais e registrada em diversos suportes, um destes, pode ser a memória do próprio ser humano. É por meio da comunicação interpessoal que as gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas o seu acervo de experiências; as crenças, os valores e as tradições. A comunicação é o instrumento que assegura efetivamente a sobrevivência e a continuidade de uma cultura no tempo, promovendo inclusive

transformação dos seus símbolos em face aos novos fenômenos criados pelo desenvolvimento.

2.1 Memória Social

Mesmo com o surgimento da escrita, a memória não deixou de ser menos importante para a preservação da cultura e desenvolvimento da sociedade, ainda hoje se depende dela para registrar as informações e comparar fatos sociais. A memória, conforme Scheibe (1985), pode se constituir em forma de narração, reconstituindo informações desde o passado até o presente, sempre do ponto de vista daquilo que é considerado significativo para o sujeito. Pode-se perceber que a história de vida de uma pessoa está ligada à memória, e esta é narrada por intermédio da linguagem. Neste sentido, Pomian (2000, p.509) afirma que:

Na prática esta arte da memória é uma arte da linguagem: ensina a conservar as narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes de seu nascimento, e por sua vez transmitir estas recordações aos seus descendentes.

A memória coletiva de um grupo pode ser narrada e passada de geração a geração. Desta forma, a informação cultural de uma dada comunidade não se perde, sendo sustentada pela linguagem, pela narrativa e pela memória. De acordo com Scheibe (1985), deve-se entender a memória não como uma pura e simples faculdade mental, mas como uma construção social, feita através da seleção de experiências de vida que possibilitam uma narrativa de como se é, e por que se é assim.

Segundo Simson (2000, p. 63): “Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e transmiti-los às novas gerações, através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagens, texto, etc).” Nos seres humanos, a memória pode também ser considerada um dos estados do sistema nervoso do cérebro onde se conserva a lembrança. Neste estudo, ela é considerada como um suporte, onde a informação e os sentidos estão registrados e guardados pelos sujeitos, que são os portadores e mediadores dos seus próprios fatos culturais.

A memória pode ser dividida em memória individual e coletiva. De acordo com Simson (2000, p.63), “ Memória individual é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências, experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social, onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.” Para Halbwachs (1990), as lembranças dos indivíduos permanecem coletivas, e elas são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só ele esteve envolvido, e com objetos só por ele presenciados, isto se explica porque, em realidade nunca se está só. Por mais que se tente ficar isolado sempre vai ter alguém com quem se irá compartilhar momentos e ou informações. A memória coletiva expressa a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade, pois ela é constituída por uma sucessão de memórias individuais. A partir da premissa de que, para reconstruir uma seqüência de fatos,é necessário confrontar um conjunto de idéias, de memórias individuais, Halbwachs (1990, p. 25) afirma:

Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. Certamente, nossa impressão pode apoiar-se não somente na nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Percebe-se como a memória humana é complexa, pois, servindo-se da união de lembranças de um grupo de pessoas, pode-se reconstituir toda seqüência de um fato sem perder a sua veracidade. Vale ressaltar que a memória só pode ser considerada coletiva quando o acontecimento é construído ou sua informação é compartilhada por um grupo de pessoas.

Pollak (1992) explicita que são três os elementos que servem de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares. E são estes os elementos responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas. De acordo com o autor, a memória é seletiva, visto que, nem todos os fatos ficam registrados, uma vez que, os indivíduos só têm recordações dos momentos a que dão determinada importância, que, por algum motivo, ficaram marcados subjetivamente. Além do mais, parte das lembranças pode ser herdada dos acontecimentos de seus antepassados. A memória herdada possui uma ligação estreita com o sentimento de identidade. Isto se explica, segundo Pollak, porque a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Para reconstituir uma lembrança é fundamental que os indivíduos constituintes sejam formadores das mesmas idéias ou de mesmas práticas. Conforme Halbwachs (1990, p. 34):

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuaram a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

O momento só será reconstituído efetivamente se as pessoas que compartilham daquela lembrança fizerem parte de um mesmo grupo ou sociedade. Cada indivíduo constrói

sua identidade e reconstrói sua imagem perante os demais, tendo como referência o seu passado, a ligação e o sentimento de pertença a determinados grupos do qual faz parte. Para Halbwachs (1990, p.36): “Só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo.” Portanto, as pessoas precisam se sentir fazendo parte de um grupo, de um determinado espaço, para que sua identidade pessoal tenha sentido para si e para os outros.

Halbwachs (1990, p.51) afirma que: “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e segundo as relações que mantenho com os outros meios.” A família, a escola, o ambiente de trabalho, a religião, os partidos políticos são exemplos de espaços mobilizadores das ações coletivas, onde os indivíduos ao longo da vida criam os seus laços identitários, dando coerência aos seus pensamentos e atos.

Segundo Halbwachs, de uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter persuasão junto a seus membros. Os acontecimentos mais presentes na vida de um indivíduo são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a ele. Assim, os fatos e as noções que a pessoa tem mais facilidade em lembrar geralmente são aqueles de domínio comum. Conforme Halbwachs (1990), essas lembranças estão à disposição de todos e nela todos podem se apoiar, a qualquer momento, quando as pessoas quiserem se lembrar.

Conforme Ribeiro (1998), o espaço onde o indivíduo mora, trabalha, estuda é considerado o primeiro nível de integração com a sociedade e seus demais, pelo fato de a pessoa conviver o dia-a-dia compartilhando aquele local. Portanto, assim como os locais, tudo que faz parte ou aconteça no espaço onde se vive pode se tornar parte da lembrança individual ou coletiva do sujeito. Segundo Halbwachs (1990), os atrativos ou elementos dessas lembranças pessoais, que parecem não pertencer a ninguém senão a nós, podem bem se

encontrar em meios sociais definidos e ali se conservarem. O valor agregado a estes fatores é válido conforme o sentimento de pertença e de identidade do sujeito em relação ao lugar e aos grupos sociais a que faz parte. Assim, pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída. Ela está relacionada com a identidade cultural do sujeito, que por sua vez esta intimamente ligada à questão do sujeito pertencer a pelo menos um grupo social.

Por fim, memória, identidade e história apresentam-se em um processo de interação e construção: a memória constitui a identidade, na medida em que reforça por intermédio de lembranças a unidade e continuidade do indivíduo sobre o si mesmo ou do sentimento de pertencimento a um grupo. Conforme Bauer (2004), a memória é constituída pela identidade, uma vez que o processo de identificação agirá na seleção e configuração dos episódios a serem lembrados, reordenando-os em uma história.

2.2 Identidade Cultural

O indivíduo passa a entender o mundo como uma seqüência de eventos que se repetem, desenvolvendo então comportamentos padronizados (SCHUTZ 1979). Schutz parte do pressuposto que o indivíduo buscará por condutas tidas como “certas” e socialmente aprovadas para estabelecer relações cooperativas com outros indivíduos ou grupos de semelhantes e assim “tentar dominar o mundo, superar obstáculos e esboçar e cumprir projetos” (SCHUTZ, 1979, p. 214). Servindo-se da existência de papéis e identidades sociais

que se pode assumir que se vive em uma realidade socialmente construída; precisa-se ter uma referência, uma base familiar ou um grupo a quem se possa espelhar.

A identidade social pode ser concebida como uma parte do conceito que o indivíduo tem de si e que deriva do conhecimento sobre o seu pertencimento a um ou mais grupos sociais, juntamente com uma significação emocional atrelada a esse pertencimento (TAJFEL, 1974¹ apud BAUER). Segundo o autor, a identidade social não é uma questão de interação interindividual, mas de indivíduos enquanto membros de grupos sociais. Percebe-se aí, novamente, a presença dos componentes cognitivo e afetivo, que, se acredita estejam na base de qualquer ação identitária.

Perante a sociedade, cada pessoa ocupa um lugar no espaço; a posição que cada ator ocupa é influenciada e determinada por vários fatores. Esses estão relacionados à criação, educação e status social da pessoa. Habermas (1988) defende que a identidade do indivíduo só estará completa na idade adulta, acreditando que, nessa fase, o indivíduo tenha condições de tomar consciência de sua própria identidade. Esta consciência pode ocorrer pela auto-realização ou autodeterminação, no momento em que o sujeito passa a saber responder de onde veio, quem ele é, e para onde ele vai.

Como viu-se anteriormente, cada indivíduo pode ocupar diferentes posições, de acordo com as atividades que exerce, ou com os grupos dos quais participa e, portanto possuir mais de uma identidade pessoal. Bauer (2004) afirma que diferentemente da identidade social que busca pertencer a um dado grupo, a identidade individual busca uma coerência interna do indivíduo consigo mesmo. É o que o indivíduo reconhece como sendo seu, ou seja, suas características físicas, psicológicas, comportamentais, que possibilitam estabelecer comparação de semelhança ou diferença com os demais.

¹ TAJEL, Henri. Social Identity and intergroup behavior. In: **Social Science Information**. V. 13, n. 2, 1974 apud Bauer, 2004.

De acordo com a concepção de Hall (2002), que corresponde à idéia pós-moderna, o sujeito não possui uma identidade fixa ou permanente, mas possui dentro de si várias identidades, muitas vezes contraditórias, definidas historicamente e transformadas em relação às formas pelas quais é representado ou interpretado nos sistemas culturais que o circulam.

Bauer (2004) afirma que, em primeiro plano, está a família e os processos de socialização primária, que formarão o caráter do indivíduo e a sua visão de mundo, dando forma a uma identidade individual coerente, mas que está sempre em construção. Conforme o autor, é na socialização secundária que o indivíduo é integrado à sociedade e, a partir daí, a sua identidade será regulada pelas suas interações com os diversos grupos e instituições com os quais ele mantém contato. Como pano de fundo está a identidade cultural, que nada mais é do que uma identidade social, porém com traços mais perenes, introduzidos à medida que o indivíduo toma consciência de sua história e dos aspectos imperceptíveis e não questionados apresentados pela sua cultura (BAUER, 2004). O autor afirma que a identidade cultural, pode ser considerada um conjunto de características, pelas quais os grupos sociais se definem como grupos.

Mesquita (1997) argumenta que o fenômeno da construção da identidade é algo que acontece sem que se reflète sobre todos os aspectos envolvidos. Ela se dá via socialização pelo reconhecimento do indivíduo dentro da família, escola, e por todas as instituições agregativas. Portanto, torna-se muito difícil separar o que provém do indivíduo daquilo que se absorve, consciente ou inconscientemente, do coletivo. Habermas (1988) diz que os componentes constituintes da ação identitária na vida dos sujeitos são a cultura, a sociedade e a personalidade, que por sua vez correspondem aos processos de reprodução cultural, integração social e socialização.

A reflexão sobre como as identidades culturais estão sendo afetadas pela globalização é uma das preocupações de Hall (2002), que toma como ponto de partida o processo de

mundialização, e o deslocamento das identidades nacionais como sendo um fator que aumenta o ritmo de integração global e acelera os laços entre as nações. Segundo o autor (2002), as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. A, assim chamada, “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem no mundo social (HALL, 2002). Neste sentido, Hall identifica três conseqüências possíveis destas mudanças: a desintegração, o reforço ou o surgimento de novas identidades híbridas. Estas três conseqüências podem ser entendidas por compreender “[. . .] a fragmentação de códigos culturais, multiplicidade de estilos, ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [. . .]” (HALL, 2002, p.74). O autor não acredita na desintegração das identidades por causa da homogeneização, pois acredita que o impacto global reativa o interesse pelo “local”.

Nesta abordagem, as identidades nacionais e locais estariam sendo reforçadas pela resistência à globalização. O autor identifica também as identidades culturais híbridas, possibilitadas pelas migrações transnacionais, em que os sujeitos têm de transitar e negociar entre culturas diferentes. Segundo ele, as identidades movem-se em dois eixos: o da tradição, no qual as identidades tentam resgatar a sua essência inata; e no da tradução, em que existe uma permanente negociação entre velhas e novas identidades, no caso das identidades híbridas. O autor conclui que o global e o local influenciam-se mutuamente e acredita que a globalização realmente parece ter efeito de deslocar as velhas identidades fechadas de uma cultura nacional, trazendo novas possibilidades de identificação cultural.

O processo de mundialização também está relacionado à identidade territorial dos indivíduos, que, por sua vez, está relacionada à cultura, uma vez que toda cultura está

circunscrita em pelo menos um espaço geográfico determinado. Segundo Mesquita (1992), existem raízes que vinculam o indivíduo a um território e que são marcadas por sentimentos que provocam impulsos de posse, poder e autonomia, nutridores de uma territorialidade. Esta territorialidade é muito mais do que o território, é uma vivência do espaço físico e cultural enquanto extensão do indivíduo, enquanto projeção de sua identidade como indivíduo ou como grupo (MESQUITA, 1992). De acordo com Bauer (2004), percebe-se que a discussão sobre identidade cultural recai sempre na tentativa de associar um recorte da cultura (etnia, tradições, território, origem) à identidade do indivíduo, como se isso fosse um traço da própria cultura, ou ainda, de tentar descobrir uma cultura verdadeira, original.

Conforme viu-se no pensamento de Morin (1996), as identidades tentam recuperar sua essência na tradição. A memória, a identidade e a tradição estão fortemente ligadas. A informação cultural de uma dada localidade, em última análise, possibilita a união entre as pessoas e seus grupos sociais, e estabelece uma ligação entre os valores das gerações passadas com os dos atuais pela memória social. A memória guarda inscrições de um passado que se faz presente, na medida em que ele é reconstituído e vivido pelos indivíduos na atualidade, por meio de suas manifestações culturais. Ela geralmente está associada a fatos vividos coletivamente, nas práticas sociais, como, por exemplo, nas festas populares e comunitárias.

Em relação a memória, as narrativas se fazem presentes, e descritas por Halbwachs (1990), as narrativas são como correntes da memória que alicerçam a memória coletiva através de diferentes pontos de referência que a estruturam e a inserem na memória da coletividade a qual o indivíduo pertence. Entre elas incluem-se as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música. O passado que a festa recupera via as narrativas, importa características da memória identitária na tentativa de tornar o passado absoluto, cristalizado pela tradição dos festejos. Conforme Turner (1974), os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo. Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais

intensamente, sendo uma forma de expressão convencional, em que os valores do grupo são revelados. Portanto, os elementos simbólicos de uma cultura podem estar escondidos na tradição de suas práticas sociais.

2.3 Festa: memória, tradição e identidade cultural

Por intermédio dos rituais, os indivíduos, periodicamente elaboram e reelaboram os valores que norteiam o seu contexto social cultural. Conforme Mello (2000, p.61): “Ao assimilar o ‘clima de festa’ e nele se integrar, as pessoas naturalmente introjetam imagens, que irão nutrir o imaginário da sociedade a que pertencem e que se reativa periodicamente.” A festa, enquanto ativadora das relações humanas, produz uma comunhão grupal em torno de motivações socialmente relevantes na construção da identidade cultural. (MELLO, 2000). Neste sentido, as manifestações culturais nascem da comunidade a partir da convivência entre os grupos sociais, de forma quase inconsciente e progressiva. Cada comunidade vive uma realidade social específica, de acordo com suas origens, provindas de seus antepassados, assim, seus membros descendentes geralmente cultivam as mesmas idéias, sentimentos e práticas.

As práticas culturais, continuam existindo porque a sua informação cultural foi passada de uma geração a outra, seja na forma oral ou escrita. Os grupos sociais consciente ou inconscientemente conservam os mesmos valores que os mantêm unidos. Segundo Bastide e Wachtel (2001), toda transmissão de tradição visa manter intacta a lembrança de seus fatos fundadores, por isto, a memória é tão importante para a preservação da tradição.

No sentido mais geral o termo tradição significa qualquer coisa que é transmitida ou traduzida do passado. “Assim, através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui a tradição e nos constitui” (BORNHEIM, 1987, p.19). Conforme Thompson (1999) tradição envolve quatro tipos de aspectos, que podem melhor defini-la, são eles: aspecto hermenêutico, aspecto normativo, aspecto legitimador e aspecto identificador.

No aspecto hermenêutico, a tradição não se resume a um guia normativo para a ação, mas sim corresponde a um esquema interpretativo, pode-se considerar uma estrutura mental para entender o mundo. O aspecto normativo é entendido como um conjunto de crenças e padrões de comportamento, trazidos do passado e que podem servir como princípio orientador para as ações e crenças do presente. Este aspecto apresenta duas formas de acontecer. Uma delas é tomar as práticas como rotineiras, realizadas com pouca reflexão, porque sempre foram feitas do mesmo jeito e assim não são questionadas. Outra forma é tomar as práticas como tradicionalmente fundamentadas, assim elas se justificam pela referência à tradição. O aspecto legitimador se refere as práticas que servem como apoio para o exercício do poder e da autoridade, “[. . .] podem se basear em fundamentos racionais, envolvendo uma crença na legalidade de normas promulgadas; em fundamentos carismáticos, implicando a devoção à santidade ou ao caráter excepcional de um indivíduo.” (THOMPSON,1999, p.164). Estas categorias, como a religião, por exemplo, exercem grande influência sobre as pessoas, na sua forma de pensar e agir com relação ao seu modo de vida. As manifestações culturais podem ser identificadas como tradição segundo os aspectos definidos por Thompson.

Por fim, Thompson se refere ao aspecto identificador, que se divide em dois: auto-identidade e identidade coletiva. A auto-identidade se refere ao sentido que cada um tem de si. Já a identidade coletiva, se refere ao sentido que cada um tem de si mesmo, como membro de

um grupo social, que tem uma história própria, mas um destino coletivo. Neste sentido, Thompson (1999) afirma que o processo de formação de identidade nunca começa do nada, sempre se constrói sobre o conjunto de material simbólico preexistente.

Assim, o passado inspira as manifestações tradicionais, norteando o presente e o futuro como fonte de identidade. Conforme Morigi (1989, p.133), “É preciso considerar a festa enquanto entretenimento popular e como elemento fundamental que expressa a identidade do grupo [. . .]”. Neste contexto, as narrativas sobre as festas tornam a memória um reflexo da identidade do grupo social local.

Nessa perspectiva, todo grupo social possui uma estrutura da qual depende sua existência, e a continuidade estrutural é indispensável para a permanência de uma tradição. Porém, esta estrutura está sendo afetada pela globalização. Hoje, as práticas culturais estão sendo influenciadas pelos elementos da indústria cultural, que se cruzam com os elementos tidos como “tradicionais”. Esta fusão de práticas e valores culturais faz surgir o hibridismo cultural. Conforme Garcia-Canclini (1997, p.206) “[. . .] os setores populares aderem à modernidade, buscam-na e misturam as suas tradições, reestruturam as oposições moderno/tradicional e culto/popular nas transformações do artesanato e das festas.” Segundo o autor, o popular, o tradicional, trazem características da cultura local, enquanto o moderno, o culto trazem traços da cultura nacional e global.

De acordo com Bornheim (1987), são todas as formas passadas de tradição que ostentam sinais dos processos globais. “Somos levados a crer, por isso, que é o próprio conceito de tradição e não apenas as suas formas concretas que passa a manifestar transformações em seu sentido último” (BORNHEIM, 1987, p.25).

Esse processo de universalização esta cada vez mais intenso e atingindo todos os tipos de práticas culturais, porém, a inserção destes elementos tidos como “modernos” acabaram por preservar os aspectos tidos como “tradicionais”, afirmando a lógica, que segundo

Bornheim, a tradição só se pode manter viva pelo recurso a sua ruptura. Percebe-se que com a expansão da globalização, a presença da industrialização e do capitalismo nas práticas sociais. As festas não passam a perderem os seus sentidos tradicionais, apenas se desenvolvem e se transformam, adaptando-se ao contexto global.

Pode-se entender a ligação entre festa, tradição, memória e identidade no contexto deste trabalho da seguinte forma, conforme apresenta a figura 1 (abaixo). Na memória coletiva estão inscritos todos os fatos importantes para as comunidades, entre eles, as práticas culturais que são conservadas e passadas de geração a geração, consideradas “tradicionais”. As festas comunitárias fazem parte de uma tradição para as comunidades rurais, e nessas manifestações estão contidos os elementos da cultura local e regional, que por sua vez constituem a identidade do grupo local. As festas e seus elementos culturais são construídos e atualizados na memória social da comunidade através do ciclo informacional que envolve os processos de produção, transmissão e uso de informação.

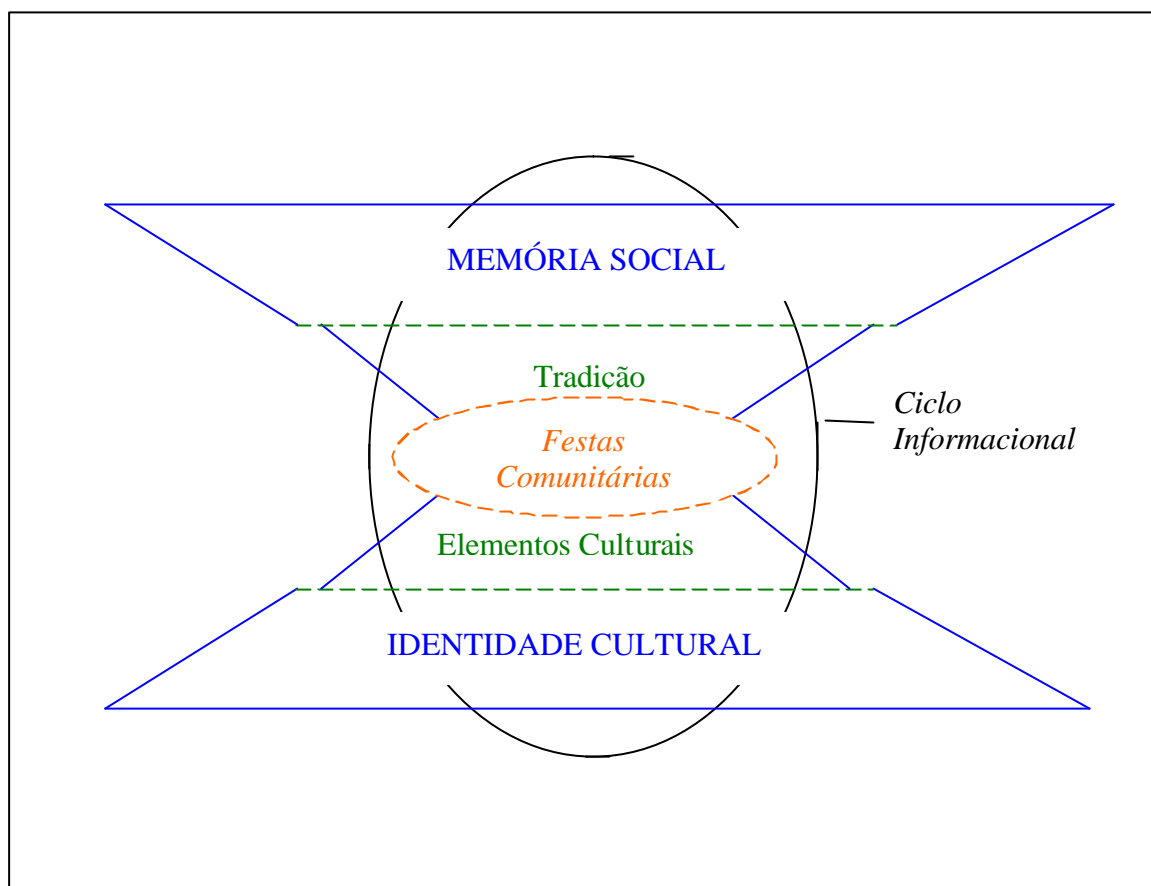


FIGURA 1- FESTA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E IDENTIDADE

Fonte: figura produzida pela autora.

3 CAMINHO INVESTIGATIVO

Apresenta-se neste capítulo a metodologia adotada para o estudo.

3.1 O Objeto e o Campo de Estudo

O município de Estrela está localizado no Vale do Taquari, e, conforme o Censo do IBGE 2004, ocupa uma área de 184km² e possui uma população estimada de 28.902 habitantes, sendo 22.695 residentes da área urbana e 4.706 residentes da área rural. Hoje, a cidade possui 1.346 propriedades rurais minifundiárias e um total de 792 empresas comerciais e industriais.

Estrela praticamente formou-se da colonização alemã e esta era predominantemente católica. Ao se estabelecerem aqui no Sul, estes grupos de colonizadores passaram por muitas dificuldades, até se adaptarem aos costumes da cultura local e ao clima regional (ROCHE, 1969). Conforme o autor, os colonizadores não eram acostumados a lidar com certos problemas, por exemplo, enchentes, pragas nas plantações, e outros. Por não encontrarem subsídios para solucionar estas questões então faziam promessas para os santos. E, quando os problemas eram solucionados, festejavam o santo a quem faziam a promessa como uma forma de agradecimento, e assim originou-se parte das festas comunitárias (ROCHE, 1969).

Segundo Martins (2002), a preservação da cultura e de jogos e brincadeiras trazidas pelos colonizadores sempre foi uma preocupação das comunidades, por isso são criados

museus, sociedades de canto, clubes, estações de rádio, jornais e festas comunitárias². Conforme Morigi (1989), além dos festejos de caráter religioso com comemoração de santos existem também outras manifestações, preservadas no meio rural no Município de Estrela, como, por exemplo: a festa da liga de corais, a festa do clube de mães, a festa da escola, que, entre outras são também denominadas de festas comunitárias.

Neste trabalho estudaram-se as festas de três comunidades rurais do município de Estrela, que seguem o calendário religioso da igreja católica, e são estabelecidas anualmente pelas paróquias da cidade, no final de cada ano. Cada comunidade, onde ocorrem estes festejos, possui os seus representantes que formam uma diretoria, geralmente composta pelos chefes das famílias locais, que são os responsáveis pela realização e organização dos eventos da comunidade.

Estas comunidades são localidades rurais do município, e se localizam entre 10 a 15km de distância do centro da cidade. Cada linha é composta por um núcleo principal constituído pela capela, pelo cemitério, pela escola, e pelo pavilhão de festas, onde se realizam os diversos eventos. Trata-se de comunidades cuja atividade econômica básica é a pequena produção agrícola e de valores e costumes da cultura alemã, são elas: Linha Lenz, Linha Geralda Baixa e Linha São José.

3.2 Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, uma vez que se analisou um acontecimento social, o pensamento e o comportamento de um determinado grupo por

² Para saber mais sobre a história do município de Estrela ver: HESSEL, Lothar. **O Município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: UFRGS/ Martins Livreiro-Editor, 1983.

intermédio da memória social, estudando o significado que os sujeitos atribuíram aos eventos. Conforme Neto (2003), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. No estudo descritivo os fatos são observados, registrados e analisados sem que o pesquisador interfira neles (ANDRADE, 2001). Nesta pesquisa o método descritivo foi conduzido através de narrativas de como as festas se constituem e o que elas significam para os seus agentes sociais. Portanto, torna-se relevante esclarecer o conceito e a importância da narratividade.

A narração pode ser conceituada, segundo Segre (1989, p.58), da seguinte forma: “Narrar é uma realização lingüística mediata que tem por finalidade comunicar a um ou mais interlocutores uma série de acontecimentos, de modo a fazê-lo(s) tomar parte no conhecimento deles, alargando assim o seu contexto pragmático.” Larrosa (2004) afirma ainda que é na linguagem e na narrativa que se encontram as formas lingüísticas e discursivas com que se constrói e se expressa a subjetividade. Na concepção de Hall (2002), a linguagem apresenta a identificação como sendo construída tendo por base o reconhecimento de uma origem, de compartilhar ideais comuns, em que é possível notar o aspecto cognitivo. Portanto, ao mesmo tempo em que o sujeito narra a festa, ele expressa a sua forma subjetiva de vê-la. A linguagem é considerada um fator fundamental para a preservação da história cultural do homem em relação aos seus atos e costumes adquiridos e desenvolvidos ao longo dos tempos.

As narrativas na concepção de Goolishian e Anderson (1996, p.195):

As narrativas do si mesmo, sempre cambiantes, são processos mediante os quais continuamente dotamos de sentido ao mundo e, por isso, continuamente nos dotamos de sentido a nós mesmos. Isto faz com que a natureza do self e a de nossas subjetividades se convertam em fenômenos

intersubjetivos: o produto de narrarmos histórias uns aos outros e a nós mesmos acerca de nós, e as que outros narram para nós e sobre nós. A cambiante rede de narrativas é produto de intercâmbio e práticas sociais, do diálogo e da conversação.

Portanto, a narrativa proporciona que se faça uma análise qualitativa da informação adquirida, uma vez que ela é dotada de sentido, de significado para o narrador. O sentido de quem se é tanto para o sujeito como para os outros depende da história que é contada pelo indivíduo e a que os outros lhe contam, principalmente daquelas construções narrativas onde cada um dos participantes é o autor principal da própria história, e nela os acontecimentos obedecem a uma ordem e um sentido (LARROSA, 2004).

Por intermédio das narrativas de diversos participantes e organizadores acerca das festas, foi possível descrevê-las tal como são reproduzidas nas comunidades.

3.3 Etapas do Caminho Investigativo

A pesquisa consistiu basicamente de três etapas, quando se apresentam os procedimentos de coleta e de tratamento dos dados.

3.3.1 Primeira Etapa

Consiste na revisão da literatura, quando se fez levantamento de referências sobre os

aspectos abordados: informação, memória, identidade social, tradição, e festas comunitárias. Com base na leitura do material pesquisado, desenvolveu-se o referencial teórico.

3.3.2 Segunda Etapa

Nessa etapa realizou-se a pesquisa de campo nas festas comunitárias. Conforme Andrade (2001), uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada principalmente através de questionários, entrevistas e observação.

No estudo foram adotadas as técnicas de observação simples e entrevistas semi-estruturadas. Adotou-se a escolha da observação simples uma vez que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. De acordo com Gil (1994), observação simples é entendida como aquela que o investigador é alheio à comunidade que pretende observar e observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Conforme o autor esta técnica é muito útil quando é dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, pois é apropriada para o estudo das condutas mais manifestas das pessoas na vida social. Segundo Gil (1994), o registro da observação pode ser feito mediante anotações no momento da observação ou posteriormente através de relatórios, e ainda podem ser complementadas com gravações de sons e imagens. Esta técnica aplicada às festas consistiu-se em observar todos os momentos do evento e registrar todos os aspectos considerados da cultura local e regional, “modernos” e “tradicionais”. Além das anotações a respeito das observações realizadas foram também registradas algumas imagens das festas através da fotografia.

Para complementar a técnica de observação pode se utilizar outras técnicas, como a entrevista. Conforme Gil (1994, p. 113):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Nesta pesquisa optou-se pela técnica da entrevista uma vez que na concepção de Andrade (2001) a entrevista pode ter como objetivos averiguar fatos ou fenômenos, identificar opiniões sobre fatos; descobrir os fatores que influenciam ou que determinam opiniões, sentimentos e condutas.

As entrevistas foram realizadas durante as festas, onde foram gravadas com o uso de um aparelho gravador. As questões formuladas das entrevistas se basearam em um roteiro semi-estruturado, com 5 perguntas de identificação e 7 perguntas abertas, que permitiram respostas livres, procurando explorar a espontaneidade dos entrevistados. Escolheu-se o tipo de entrevista semi-estruturada uma vez que não pretendeu-se seguir rigidamente o roteiro de entrevista, pelo fato de surgirem outras questões conforme o andamento dos depoimentos, principalmente quando eram entrevistados os organizadores do evento (Apêndice A – Roteiro para entrevista). Os instrumentos da pesquisa foram aplicados aos membros das comunidades estudadas no dia e durante as festas, de maneira que as informações pudessem ser trabalhadas de acordo com os objetivos do estudo.

3.3.3 Terceira Etapa

Foram entrevistadas 40 pessoas, entre elas os organizadores e os participantes do festejo, escolhidas de forma aleatória, homens e mulheres de diversas idades. Nessa etapa foram feitas as transcrições das entrevistas, e a análise das mesmas com base nos objetivos da pesquisa e no referencial teórico. As respostas obtidas através das entrevistas com os participantes e organizadores das festas foram tratadas como narrativas. Os dados analisados estão apresentados em forma de blocos, onde as transcrições das repostas das entrevistas foram integradas aos elementos teóricos e a imagens das festas. Para preservar a identidade dos entrevistados foram usados nomes fictícios nas narrativas dos depoimentos expostos no trabalho. Após a análise dos dados foi apresentada a conclusão do trabalho.

3.4 *Experiência de Campo*

A experiência de campo proporcionou a pesquisadora conhecer o município de Estrela e foi o primeiro contato que se teve com pessoas do meio rural para realizar um trabalho científico.

Na primeira ida a campo, a expectativa foi muito grande pelo fato de o campo e o objeto de estudo serem desconhecidos na prática. Desde o primeiro momento em que se conheceu o local ficou-se encantado pela simplicidade do lugar, das pessoas e do seu modo de vida.

As festas em si possuem os mesmos procedimentos básicos: a missa, o almoço, as brincadeiras e o baile. Chegava-se sempre um pouco antes do horário da missa iniciar para poder conhecer o local e identificar o presidente do evento, responsável pela organização da festa. Esta pessoa era com quem se tinha o primeiro contato sobre o festejo. Após participar da missa, considerado este o primeiro momento do evento, dirigia-se até o salão comunitário onde ocorria o restante da programação. Nesse local iniciava as entrevistas com os participantes. Procurava fazer o máximo de entrevistas antes do almoço, quando as pessoas não estavam tão dispersas.

Mesmo o ambiente sendo desconhecido foi tranquilo iniciar o contato com os participantes, pelo fato de se estar sempre acompanhada do professor-orientador. Depois das primeiras entrevistas, ficava-se mais à vontade e, a partir daí, foi mais fácil chegar às pessoas. Algumas pessoas não concederam entrevistas, por se sentirem tímidas, com medo de cometer algum erro nas respostas. O uso do roteiro para entrevista e principalmente o uso do gravador intimidaram alguns participantes por pensarem que se tratava de uma entrevista para o jornal ou para algum meio de comunicação. Portanto, sempre foi necessário que a pesquisadora se identificasse e esclarecesse sobre a pesquisa que estava sendo realizada e a importância das entrevistas para o andamento do trabalho. Procurava deixar as pessoas à vontade para responder as perguntas, mesmo assim algumas cediam à entrevista com um pouco de timidez, a maioria dos entrevistados respondeu de forma breve, poucas pessoas gostavam de falar e tinham satisfação de contar sobre as festas. Percebeu-se que os membros da organização do evento falavam mais abertamente a respeito das festas, ao contrário do público mais jovem. As pessoas de mais idade que só se comunicavam na língua alemã não foram entrevistadas pelo fato da investigadora não dominar e nem compreender esse dialeto. Após o almoço as entrevistas encerravam, já que a banda musical começava a tocar, e som alto dificultava a gravação da conversa com os participantes. Mesmo assim ficava-se mais um tempo

observando a festa, os jogos, as brincadeiras as cozinheiras, os churrasqueiros e os organizadores.

Ao mesmo tempo em que se ficou curiosa para saber o que os entrevistados iriam responder, percebeu-se que eles, da mesma forma, ficaram na expectativa de saber qual seria o resultado do trabalho. Neste momento que sentiu-se efetivamente o compromisso de buscar através da análise das questões exploradas, uma conclusão sobre os festejos e, desta forma, levar os resultados da pesquisa a essas comunidades.

3.5 Limitações da Pesquisa

Observam-se três aspectos como limitações desta pesquisa:

- a) as pessoas mais idosas que só se comunicavam em alemão ou que tinham dificuldades em se comunicar em português não foram entrevistadas pelo fato da pesquisadora não compreender a linguagem;
- b) alguns entrevistados não respondiam a todas as questões alegando não saber a respeito;
- c) foram estudadas apenas as festas comunitárias realizadas pela Igreja Católica.

4 AS NARRATIVAS DAS FESTAS

As informações sobre as festas se expressam através das narrativas e de momentos que foram registrados através de imagens e da observação.

4.1 As Concepções das Festas Comunitárias

Uma das formas de representar uma determinada sociedade é por intermédio dos costumes criados por determinados grupos, que se distinguem por sua cultura diferenciada, e por seus traços identitários. Como viu-se anteriormente, o desenvolvimento da personalidade do indivíduo depende da aquisição de certos elementos ou valores culturais (idéias, crenças, opiniões, conhecimentos, informações etc.) considerados necessários para o ajustamento social do indivíduo, portanto a sua socialização depende da incorporação de certos valores culturais.

Neste contexto, a festa pode ser considerada um espaço onde as pessoas criam laços identitários, pois conforme Habermas (1988), a identidade é construída subjetivamente em usos, costumes e valores. Neste sentido, Bordin (2001) afirma que o vínculo social é um processo de construção do sentido, em que viver junto consiste, em primeiro lugar, elaborar concepções comuns de mundo.

As festas comunitárias são representadas através do pensamento coletivo dos seus protagonistas. Portanto, as concepções destas manifestações são expressas segundo o objetivo e a importância que os festejos têm para os seus organizadores e participantes. Ao se

analisarem os depoimentos, pode-se perceber qual o significado da festa, como se pode observar nas narrativas que seguem.

O objetivo da festa *é o padroeiro da comunidade*, então todos os anos e nesta época, a gente celebra o santo que faz parte da história da comunidade (Odair, 50 anos, já foi organizador e hoje é só participante) (grifo nosso).

Pra gente que mora aqui nesta comunidade, o objetivo da festa seria comemorar *o santo padroeiro da comunidade*, e é por isto que a gente faz a festa, para comemorar e também aproveitando para arrecadar um valor, com o lucro da festa agente emprega aqui (Maria, 39 anos, organizadora) (grifo nosso).

Na minha opinião, objetivo da festa hoje, na nossa comunidade *é celebrar o São José* que, desde a década de 60 e 70, é comemorado aqui na comunidade (Jorge, 67 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Eu acho que o objetivo *é confraternizar com as pessoas, ir na missa, e celebrar o Santo Padroeiro* (Marina, 46 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Pra mim o objetivo da festa para comunidade *é festejar o santo*, só que o dia mesmo certo não é hoje, foi no mês passado, mas a gente comemora igual hoje, como se fosse hoje, né! (Osmar, 40 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Uma das características das comunidades de colonização alemã é a religiosidade. Ela se manifesta nas festas comunitárias, uma vez que as festas ocorrem com a finalidade de celebrar o dia do Santo Padroeiro da localidade, como se observa nas narrativas dos organizadores e participantes. É importante ressaltar também que as práticas religiosas são habituais. Antes mesmo do surgimento das capelas, as famílias preservaram o costume de seus antepassados de orar para um santo protetor, com a intensão de com a benção, evitar os males que podiam atingir as suas plantações (ROCHE, 1969). Evidencia-se, desta forma, que essas práticas culturais fazem parte da memória coletiva dessas comunidades.

Além disso, a prática da festa tem uma poderosa força de coesão grupal, uma vez que reforça os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. No entanto, percebe-se que o festejo possui uma outra significação para os seus protagonistas, já que está relacionado com o objetivo de “arrecadarem fundos” para comunidade, isto é, visa ao lucro que é utilizado em prol das necessidades das localidades, como, por exemplo: reformar as estruturas do prédio da capela ou do próprio salão comunitário, conforme demonstram as narrativas que seguem.

Objetivo da festa é *arrecadar fundos* para o desenvolvimento da comunidade. Porque toda comunidade necessita dos próprios recursos para se manter e ampliar (Roque, 50, organizador) (grifo nosso).

Qualquer festa, creio eu, tem um único objetivo é *arrecadar fundos*. Dinheiro para ser aplicado na comunidade ou na pintura da Igreja, ou terminar uma construção da Igreja. Nas festas anuais das comunidades os sócios não pagam. Quem é beneficiado é o sócio. É claro que no fim da festa vem um ou outro lucro da festa surge. Esse dinheiro é aplicado que vem em favor dos associados daquela comunidade (Jair, 46 anos, organizador) (grifo nosso).

Eu acho que a importância da festa para nossa comunidade é de angariar fundos para fazer as reformas no salão e na capela [. . .] [. . .] sempre tem reparos para fazer, e agente da comunidade busca ajudar desta forma, fazendo a festa e chamando as pessoas para participarem. (Walter, 55 anos, organizador-presidente) (grifo nosso).

O objetivo da festa é tentar reunir o pessoal de toda a localidade a fim de *arrecadar fundos* e para diversão pessoal. (Cristiano, 28 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

A festa é importante para *arrecadar fundos* para a comunidade e é por isto que a gente vem e participa, porque acontece na nossa comunidade também a festa anual e a gente gosta que o pessoal daqui vai lá participar e assim as pessoas participam. (Celso, 60 anos, participante de comunidade vizinha) (grifo nosso).

Observa-se nestas narrativas que estas manifestações não são apenas espaços com o objetivo de entretenimento, mas também incentivam a solidariedade entre as pessoas (organizadores, participantes da comunidade e de comunidades vizinhas) que se unem para manter as estruturas da localidade. No final da festa são contabilizados pelos organizadores o número de cartões de almoço vendidos e subtraídos das despesas que tiveram, o que sobrar é lucro que fica para a comunidade.

Além do sentido solidário, que fortalece a cooperação entre os membros da comunidade, o evento é considerado um momento de confraternização, união, integração entre as pessoas que convivem nestas comunidades e que participam dos festejos. As próximas narrativas mostram que estas práticas proporcionam laços de amizade entre as pessoas. É um momento que ocorre a interação entre amigos, parentes, vizinhos e familiares.

Acho que o que é importante para nós aqui da comunidade a festa de hoje... o melhor da festa e de todas as festas é a *integração do pessoal*. Fazer uma recepção boa, fazer as pessoas se sentirem bem, é isso! (Marcos, 26 anos, filho de organizador) (grifo nosso).

A festa hoje é importante porque tem o objetivo de *reunir a comunidade* envolta de uma data comemorativa, e as pessoas da comunidade se encontram para compartilhar este momento de lazer (Rosária, 37 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

A importância das festas comunitárias eu acho que é para o *convívio da comunidade, integração e amizade* entre as pessoas (Nara, 36 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

A festa é importante para mim e para minha família, aqui a gente *revê os amigos e conversa* com as pessoas das comunidades (Clarice, 39 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Pra mim a festa é importante porque eu me sinto bem aqui, porque aqui a gente conversa com as pessoas que faz tempo que a gente não encontra, a *amizade eu dou muito valor* (Liana, 50 anos, participante de comunidade vizinha) (grifo nosso).

No espaço da festa percebe-se a troca de afeto entre as pessoas, a vontade de “estar junto”. Encontrar os amigos e parentes faz parte também de uma conduta que é ritualizada e possui um sentido que envolve a todos que participam da festa. Faz parte da ritualização dos festejos a circulação de informações entre os participantes e organizadores tornando dinâmico o ambiente das festas. Estas condutas são percebidas nas imagens 1 e 2. Enquanto o churrasco não fica pronto, no pavilhão, as pessoas conversam, tomam chimarrão e ou outras bebidas.



IMAGEM 1 – FAMILIARES E AMIGOS NO SALÃO COMUNITÁRIO



IMAGEM 2 – A HORA DO ALMOÇO, MOMENTO DE COMUNHÃO

Segundo Weber (1979), a ação identitária pode figurar como uma ação afetiva, por envolver laços emocionais e estar orientada mais para a relação em si do que para o resultado. Podem existir condições objetivas que levem o sujeito de forma racional a escolher determinados comportamentos com vistas a poder se relacionar com os outros. Portanto, a ação identitária é um tipo de ação que parte do indivíduo em direção aos outros componentes da vida. Neste sentido, pode-se afirmar que as pessoas criam laços afetivos e identitários com quem elas escolhem se relacionar, bem como de quais manifestações e ambientes frequentar. A festa torna-se um espaço onde os organizadores e participantes estreitam os seus laços de amizade e afeto.

A identidade cultural se relaciona com a transmissão e conservação da tradição que, segundo Bornheim (1987), é um conjunto de valores, dentro dos quais se está estabelecido. Segundo ele, não se trata apenas das formas de conhecimento ou opiniões que se tem, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de um determinado grupo ou sociedade.

As festas comunitárias, além de possuírem este caráter lúdico e afetivo de interação, são consideradas importante pelo fato de as pessoas criarem laços em torno de uma prática cultural que é considerada tradicional para a comunidade, por ter uma periodicidade, é anual desde as origens mais remotas, aos seus antepassados, as suas raízes culturais. Por isso, ela se constitui um patrimônio cultural para estas comunidades. Estas significações se explicitam nas seguintes narrativas.

Acho que a festa é importante para a comunidade. *Ela é tradicional, anual.* Todo ano acontece para unir as comunidades (Marlise, 35 anos, organizadora) (grifo nosso).

Pra mim a festa é importante. Eu acho assim, cultura é uma coisa que a gente tem que preservar, né! *É uma tradição*, talvez quando nós formos velhos a gente nem vai mais fazer determinadas coisas como são feitas agora. Como o mundo evolui, a gente evolui junto (Ana, 30 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Estas festas que nós da comunidade fizemos é sempre com o objetivo de integração. Ela é considerada *tradição da comunidade*, benefício para a comunidade arrecadar fundos para conservação do patrimônio (Nestor, 35 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Eu acho importante a festa não só porque é *uma tradição*, mas também porque a gente procura integração com as pessoas de outras comunidades (José, 40 anos, participante de comunidade vizinha) (grifo nosso).

A festa é realizada em função da integração das pessoas e também porque é *uma tradição na comunidade*, é um benefício para a comunidade arrecadar fundos para conservar o patrimônio (Nestor, 35 anos, participante da comunidade vizinha) (grifo nosso).

A tradição religiosa pode ser explicada conforme Bastide e Wachtel (2001) como uma imposição gerações mais velhas sobre as novas, isto se reduz ao processo elementar da continuidade social. Estas manifestações realizadas pela igreja se constituem em rituais sagrados para os membros da localidade. Tanto os organizadores quanto os participantes

consideram a festa uma prática tradicional por ocorrer anualmente. Desde suas origens, as práticas das festas comunitárias sempre tiveram continuidade e se tornaram eventos organizados pelas pessoas da comunidade e pela igreja, assim, pelo fato de serem preservadas até os dias de hoje, elas se tornaram parte da tradição e da história desses grupos.

Segundo Pomian (2000), a prática da memória ensina a conservar as narrativas e permite ao indivíduo tornar-se depositário das recordações daqueles que nunca conheceu, porque morreram muito antes de seu nascimento o qual, por sua vez, vai transmitir essas recordações aos seus descendentes. Nessas narrativas percebe-se a importância que a festa tem para a família e para a comunidade, uma vez que ela significa a manutenção da tradição herdada dos antepassados ao mesmo tempo que é responsável pela construção da identidade cultural do grupo.

4.2 A Festa, seus Elementos Culturais e Formas de Comunicação

Conforme García-Canclini (1983), as transformações econômicas na sociedade ocorrem pela intervenção tecnológica, fazendo com que ocorra uma reorganização dos vínculos entre os grupos e seus sistemas simbólicos. Neste contexto pode-se relacionar o conceito de informação segundo Latour (2000), como uma relação estabelecida entre dois lugares, sob a condição que, entre os dois, circule um veículo que pode ser chamado de inscrição. Nos festejos, a relação estabelecida entre os dois lugares se refere aos aspectos “massivos” (moderno/ urbano) e ao “popular” (tradicional/ rural). A festa é produto dessas relações de poder e de jogo entre esses elementos que vai fazer com que se constitua a cultura local.

O hibridismo cultural nas festas pode ser observado de múltiplas formas, uma delas é a junção de elementos (sagrado e profano³) no mesmo espaço. Conforme Beltrão (1980), celebram-se festas que, embora de origem religiosa, se revestem de exteriorizações profanas. Segundo o autor, constituem-se em uma parte interna (a missa, o sermão, a benção) e a outra, fora do templo, incluindo procissões, cortejos, músicas, danças, brincadeiras, comidas típicas, tudo de acordo com rituais tradicionais. No espaço das festas comunitárias, esses elementos se apresentam de formas distintas. Conforme segue a narrativa do organizador da festa.

No dia da festa é assim: a gente que é da organização vem cedo pra arrumar as coisas aqui no salão. Daí a gente vê se não falta nada. Quando chega a hora da missa, agente vai pra missa, mas sempre fica alguém aqui cuidando, porque daí tem gente que não participa da missa. Então depois da missa, eu que sou da presidência, venho ver se está tudo encaminhado, o churrasco, as bebidas, a banda e tudo mais, para a festa aqui no salão (Roque, 56 anos, organizador) .

A prática da festa é dividida em dois momentos distintos: o sagrado e o profano. O primeiro é representado pelo ritual religioso, manifestação espiritual que ocorre por meio das rezas, dos cantos e dos agradecimentos aos santos, expressos nas ações realizadas durante a celebração da missa, ilustrado na imagem 3. O segundo é representado pelas atividades ligadas aos prazeres do corpo, tal como as comidas e as bebidas, os jogos, a dança, que acontecem no salão comunitário, ilustrado na imagem 4. Esta imagem registra o momento que termina a celebração da missa e ao som dos gaiteiros, todos se dirigem em forma de procissão até o pavilhão, onde ocorrem às festividades.

³ Sobre a discussão entre o sagrado e o profano ver ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Lisboa: Oficinas Gráficas de Livros do Brasil, 1995.



IMAGEM 3 – CELEBRAÇÃO DA MISSA NO DIA DA FESTA



IMAGEM 4 – TÉRMINO DA MISSA E RECEPÇÃO DA BANDA MUSICAL

A festa possui uma ordem interna, ritualizada pela prática cultural. As narrativas sobre sua organização, controle e execução, possibilitam com que sejam criadas diferentes formas

de comunicação, onde circula a informação, os fluxos informacionais entre os organizadores e participantes.

O hibridismo cultural se manifesta mediante diversas formas e uma delas é a da prática religiosa. Com isto, percebe-se que mesmo sendo pessoas da mesma comunidade, ou de comunidades vizinhas, não necessariamente elas precisam ser católicas para participar dos festejos. Neste sentido, a festa acolhe fiéis de outras religiões, e estes participam mutuamente das manifestações. Conforme segue a narrativa.

Eu gosto de participar das festas da comunidade, mas *não faço parte da igreja católica. Sou da igreja evangélica*, e a gente sempre participa. Eles também participam e vão nas nossas festas, realizadas pela nossa igreja e assim a gente sente vontade para participar também (Ildo, 59 anos, pastor da igreja evangélica e membro da comunidade vizinha) (grifo nosso).

Com isto, percebe-se que estas manifestações não são privilégios dos seguidores da igreja católica, e assim constituem-se harmoniosamente em espaços abertos de confraternização com seguidores de outras religiões. Acima de tudo, conforme Birou (1976), a festa é uma necessidade que supera as condições normais da vida, é um acontecimento de tensão agradável, assim proporcionando a união. A união se faz entre os participantes, independente de classe social, raça, cor ou credo.

Na festa, percebe-se a sociabilidade, por intermédio dos processos interativos entre diferentes sujeitos, determinada pela idade e pelo sexo. Assim, é comum, grupos de jovens do sexo masculino se reunirem para conversar do lado de fora do pavilhão e lá ficarem observando o movimento da festa em uma roda de amigos, ilustrado na imagem 5.



IMAGEM 5 –SOCIABILIDADE: GRUPO DE JOVENS REUNIDO PRÓXIMO DO SALÃO COMUNITÁRIO

Da mesma forma, observam-se pessoas de faixa etária mais elevada sentarem próximas e ficarem conversando com seus familiares e amigos dentro do salão, conforme ilustrado na imagem 6.



IMAGEM 6 – PARTICIPANTES DENTRO DO SALÃO CONVERSANDO

Conforme Mello (2000), a festa ativa as relações humanas, produzindo comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes, recupera a identidade cultural através da comunicação interpessoal. Nestas manifestações, percebem-se diferenças no comportamento das pessoas, as de mais idade sentam-se próximas e ficam conversando dentro do salão, enquanto o público mais jovem forma grupos do lado de fora do pavilhão. De acordo com Mendonça (2001), a produção de identidades coletivas vincula-se ao compartilhamento e identificação com valores culturais (materiais e simbólicos) que atuam a um só tempo como aglutinadores comunitários e como elementos de diferenciação individual e coletiva, mediante os quais a comunidade pode ser singularizada enquanto portadora de determinadas características específicas. Uma das formas de evidenciar a ação identitária nas manifestações é por meio do comportamento dos grupos sociais constituintes da comunidade.

Segundo Mendonça (2001), o advento da globalização tem influenciado as festas populares, tendendo à fragmentação e mercantilização dos seus valores, fazendo com que ocorra um hibridismo cultural. Esta mistura de elementos “tradicionais” e “modernos” nas festas comunitárias pode ser observada por intermédio do grupo, nos comportamentos dos sujeitos que participam do ritual, da música, da comida, da bebida, da reelaboração dos valores da cultura germânica que se fundem com elementos da cultura gaúcha, local e global.

Conforme percebe Garcia-Canclini (1997), a cultura de massa não acabou com as tradições populares, ela combina-se com os elementos “modernos”. Dentre eles, pode-se citar a presença da rádio na festa, mediando o processo de comunicação e modernizando as formas de divulgação. A emissora da rádio nas festas convive com os demais canais de comunicação considerados “tradicionais”, uma vez que estes não perderam os seus espaços, como, por exemplo: o calendário religioso, os cartões de almoço, os cartazes, e a própria interação face a face. É o que se pode observar nas narrativas que seguem.

De uns anos pra cá, a festa é sempre *divulgada pela rádio*, e o pessoal das comunidades ficam sabendo da festa com duas semanas de antecedência (Inácio, 50 anos, organizador) (grifo nosso).

Fiquei sabendo desta festa *através do calendário* que a paróquia distribui todos os anos (João, 43 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Nós das comunidades que somos sócios da igreja, recebemos na missa o *calendário* que tem a programação de todas as festas que vão ocorrer durante o ano e assim a gente escolhe se quer participar né! (Josefa, 38 anos, participante da comunidade vizinha) (grifo nosso).

Como escuto sempre *a rádio*, ouvi da programação da festa de hoje e resolvi vim participar com a minha família (Jair, 43 anos, participante da comunidade vizinha) (grifo nosso).

Sei da festa porque comprei o *cartão e a tómbola* do pessoal aqui da comunidade (Cristina, 38 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Fiquei sabendo da festa porque me ofereceram um *cartão de almoço* (Delésia, 33 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

As pessoas, tanto da comunidade local quanto das comunidades vizinhas, ficam sabendo dos festejos através da rádio local, do cartão de almoço, do calendário religioso e da “tômbola” (espécie de rifa vendida para sortear brindes durante a festa). Conforme Morigi, Binotto, Semensatto (2004), no passado, divulgavam-se as festas servindo-se do calendário religioso e da comunicação face a face entre os familiares, os parentes, os amigos e os vizinhos; hoje, os canais de comunicação utilizados pela comunidade para a divulgação dos eventos são diversos. Eles podem se dividir em canais formais e informais. Os canais de comunicação formais são considerados os meios massivos, como exemplo, o rádio, o jornal, o telefone, o calendário religioso (ilustrado na imagem 7), etc.



IMAGEM 7 – CALENDÁRIO RELIGIOSO

O calendário religioso é uma fonte de informação não somente das festas dos santos padroeiros, mas também de outras festas, como aquelas realizadas pelo clube de mães, pela liga de corais, pelo grupo de jovens, jantar-baile, kerbs e outros. Ele contém diversas informações sobre outros acontecimentos comunitários; divulga os serviços oferecidos pela paróquia da comunidade local, tais como: cursos e datas para batismo, a confirmação, a crisma, encontros com jovens, etc. Este folheto possui também informações publicitárias dos patrocinadores, aqueles que auxiliam na elaboração gráfica e impressão dos calendários. Além de informações úteis para as comunidades, como por exemplo, as fases da lua, que podem auxiliar os agricultores na melhor época de plantação de produtos agrícolas. Já os canais informais são a interação face a face, a tómbola, os cartazes, os cartões de almoço (ilustrado na imagem 8), entre outros.



IMAGEM 8 – CARTÃO DE ALMOÇO

Depois que a comissão organizadora do evento calcula a quantidade de comidas e bebidas para um número x de pessoas elabora-se o cartão de almoço, com informações sobre a festa: local, data, horário, nome da banda musical que vai tocar, o número do cartão e a gráfica que auxiliou na elaboração do convite. Estes cartões começam a ser oferecidos e vendidos com pelo menos um mês de antecedência, tanto pelos organizadores, quanto pelos membros da comunidade.

A publicidade é outro elemento presente nas festas comunitárias ocorre por intermédio dos patrocinadores dos eventos, que fazem propaganda dos seus produtos e serviços. Fica ao encargo do presidente do evento conseguir patrocinadores para colaborar com a realização da festa. Geralmente as empresas da região auxiliam no patrocínio, doando material para decorar o salão, entre outras formas, em troca eles fazem a sua propaganda, como podemos visualizar na imagem 9, na toalha de mesa e no papel de boca, os nomes dos patrocinadores.



IMAGEM 9 – TOALHA E GUARDANAPOS: PROPAGANDA DOS PATROCINADORES

Outra forma das empresas fazerem propaganda de seus produtos e serviços é expor sua marca no cenário da festa, como podemos observar na imagem 10 a distribuidora de ervamate Ximango oferecendo chimarrão aos participantes. Essa é uma maneira de publicizar o produto e a marca entre as pessoas que participam do evento.



IMAGEM 10 – EMPRESA EXPONDO O SEU PRODUTO NA FESTA

Percebe-se que a festa se constitui um espaço onde se podem comercializar bens, produtos e serviços, conforme narrativa.

Atualmente percebemos a presença de uma sociedade capitalista. Aqui nas festas, por exemplo, as empresas da região ajudam no patrocínio, mas o que querem na verdade *é fazer a propaganda da sua empresa* (Adriano, 28 anos, filho de organizador) (grifo nosso).

A presença dos elementos “modernos” se mistura com os elementos “tradicionais”. Eles são percebidos fazendo parte do cenário da festa, os objetos que compõem a decoração do salão, e fazem parte das brincadeiras realizadas no evento. Pode-se observar o uso de diversos materiais industrializados, como, por exemplo, os balões, as toalhas de papel das mesas, cartazes, entre outros, dividindo o espaço decorativo junto com as bandeirolas e os arranjos de mesa, feitos artesanalmente pelos organizadores, como ilustrado nas imagens 11 e 12.



IMAGEM 11 – SALÃO COMUNITÁRIO DECORADO COM BALÕES E FLORES



IMAGEM 12 – PAVILHÃO DECORADO COM BANDEIROLAS

Quanto às brincadeiras, algumas fazem parte já da tradição das festas e estão presentes em quase todas as manifestações, como o “jogo do cavalinho” (ilustrado na imagem 13) e os sorteios de brindes. Já, outras formas lúdicas são inventadas e variam de uma festa a outra.

Uma diferença bem notável que aconteceu foi *a participação da rádio* nas festas, hoje ela divulga e, às vezes, participa *fazendo brincadeiras* com os participantes (Marli, 46 anos, organizadora) (grifo nosso).

A festa hoje é mais organizada e tem *mais tipos de brincadeiras* (Guido, 47 anos, participante da comunidade vizinha) (grifo nosso).



IMAGEM 13 – JOGO DO CAVALINHO

O radialista mediando a comunicação e realizando brincadeiras com os participantes em forma de gincana, é uma das formas de diversão. A presença da rádio no cenário da festa pode ser visualizada na imagem 14, onde o radialista está fazendo a cobertura do evento. O radialista presente nos festejos, entrevista algumas pessoas, como por exemplo o presidente do festejo, informando sobre o preço do cartão de almoço e das bebidas. A rádio local é um meio de comunicação acessível a todas as comunidades rurais de Estrela e arredores. Portanto, é um meio eficiente de divulgar a programação das festas para aquelas pessoas que vivem distantes e não têm acesso ao calendário religioso.



IMAGEM 14 – RADIALISTA FAZ A COBERTURA DA FESTA

Segundo Habermas (1998), os mecanismos de união estão presentes na língua oficial, no sistema de educação, nas instituições culturais e outros mais, que tentam produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2002, p. 51). Os elementos da cultura regional presente nas festas são os de origem gaúcha, que se misturam com os elementos da cultura local, com as comunidades que trazem na memória as crenças, as práticas e costumes de origem germânica. Percebe-se tal fato nas narrativas que se segue m.

Nas festas o que eu lembro que caracteriza a cultura gaúcha eu acho que é o *churrasco e o chimarrão*. E a gente gosta de um bom churrasco. Por isto que as pessoas vêm e participam das festas (Abílio, 50 anos, ex-organizador e participante da comunidade) (grifo nosso).

Pra mim o que mais caracteriza a cultura de origem germânica nas festas são as *saladas, os curtidos, e as cucas*. Desde pequena eu lembro que estas comidas fazem parte das festas (Celina, 48 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Uma das coisas que lembra de origem alemã são as *brincadeiras* como a do cabo de força, que antigamente era feito no pátio da festa entre os homens (Jair, 56 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

O que marca para mim a origem das festas germânicas pode ser *as músicas e a conversa em alemão* com os conhecidos, os vizinhos, os amigos e parentes (Airton, 41 anos, participante da comunidade) (grifo nosso).

Assim, existe a junção de elementos destas duas culturas, a alemã e a gaúcha, o churrasco e o chimarrão, evidenciando os traços da cultura gaúcha nas festas, ilustrada na imagem 15. Como exemplos de elementos da cultura germânica, têm-se os pratos de pães, cucas, salada de batatas e curtidos feitos pelas mulheres da comunidade, para servir durante o almoço, como ilustrado na imagem 16.



IMAGEM 15 – HOMENS TRABALHANDO NA CHURRASQUEIRA



IMAGEM 16 – MULHERES PREPARANDO AS SALADAS

O chimarrão, por exemplo, é um costume da tradição da cultura gaúcha e que foi incorporado pela cultura local, evidenciando o hibridismo, mistura entre tradições culturais diferentes em um mesmo espaço, conforme ilustrado na imagem 17.



IMAGEM 17 – PARTICIPANTES TOMANDO CHIMARRÃO

Algumas brincadeiras, como o jogo do cavalinho, e as lembrancinhas (imagem 18) vendidas nas festas são modalidades tidas como herança da cultura germânica. Não somente a música típica alemã, mas também músicas gaúchas e de outros gêneros é tocada durante o evento. Algumas pessoas descendentes de germânicos se comunicam na língua de origem, assim, apresenta-se como uma forma de preservar os valores culturais locais.



IMAGEM 18 – LEMBRANCINHA VENDIDA NA FESTA

As “lembrancinhas da festa” consistem em um “mimo” que registra a data e a comunidade prestigiada ou com a imagem do santo, conforme visualizamos na imagem acima.

O espaço da festa é plural e multicultural, já que permite o cruzamento entre diversos valores culturais preservados pela cultura alemã e a gaúcha. As comidas, as músicas, as brincadeiras e a língua de origem, o comportamento do grupo são elementos pertencentes às

festas comunitárias, que simbolizam a cultura germânica e gaúcha, preservando traços da cultura local e regional. Desta forma, as festas como práticas revelam a tradição na concepção de seus organizadores e participantes e consolida ações que servem para a construção da memória e da identidade do grupo social.

Neste sentido, os elementos híbridos podem ser percebidos nestas manifestações, pois o festejo é uma prática de significação para as comunidades. Assim, os seus valores e sentimentos, crenças e práticas, como comemorar o santo padroeiro, ultrapassa a dimensão financeira, de arrecadar fundos para a comunidade. A festa comunitária como uma prática cultural transcende a dimensão econômica tanto para os organizadores como para os participantes. Ela possui uma proporção simbólica, ligada à construção destas duas dimensões se cruzam e se complementam, construindo as significações das festas.

5 CONCLUSÕES

A partir das narrativas dos protagonistas das festas foi possível perceber a dialocidade constante entre o passado e o presente. Nesse processo, elementos tradicionais e modernos se entrecruzam, como um jogo. É através do jogo entre os vários elementos que compõe a cultura que a festa é vivida e revivida pelos seus atores sociais.

Identificou-se que as informações sobre os festejos contidos na memória social do grupo são dotadas de significados, uma vez que essas celebrações além de significar a comemoração do santo padroeiro, também servem para arrecadar fundos para a localidade.

Os festejos expressam um sentimento coletivo de pertencimento do grupo, nesse espaço ocorre a confraternização entre os seus organizadores e participantes. A festa também passa a ser uma forma de preservar o ritual, considerado um acontecimento tradicional. A festa comunitária como uma prática cultural através do jogo de seus elementos constitutivos (materiais e simbólicos) reinventa a tradição do festejo e de seus valores, ao mesmo tempo em que constrói e reconstrói suas significações, e a identidade do grupo social.

As famílias das comunidades rurais são herdeiras de um passado, de uma história, portanto portadoras da memória das festas, seguem e mantêm a tradição dos seus antepassados. A continuidade das festas ocorre por intermédio da reatualização das práticas sociais vividas no passado e da sua reinvenção conforme o cotidiano na atualidade. Nela os costumes e valores da cultura alemã se fazem presentes através das comidas (saladas, pães, cucas), da língua alemã, das músicas típicas (bandinhas), pelas regras de comportamento do grupo e pelas brincadeiras realizadas nos festejos. Além dos costumes da cultura germânica, percebe-se a presença de elementos da cultura gaúcha, nas comidas (churrasco, chimarrão),

nas músicas tradicionais, entre outros que se misturam construindo uma identidade cultural híbrida, já que esses elementos reproduzem um padrão de organização da vida coletiva.

A festa comunitária é um lugar onde ocorrem múltiplas interações sociais, onde suas informações são compartilhadas entre os diversos agentes sociais que participam do ritual. As informações sobre as festas são comunicadas não só por parte dos organizadores dos festejos, mas também por pessoas da comunidade através da participação nas atividades do evento. Além disso, outros agentes sociais participam na construção do festejo, a igreja, a rádio local, empresas da região, entre outros. Estas instituições e agentes sociais se tornam os responsáveis por informar a memória coletiva dos seus antepassados e por reforçar os valores comunitários que formam a identidade social destes grupos.

As informações sobre as festas são transmitidas de uma geração a outra de forma oral. A prática da festa é uma tradição que está presente no convívio familiar, nas práticas religiosas e nas trocas entre os membros dos grupos da comunidade. O festejo é parte da sociabilidade do grupo e da rede de relações que se forma a partir dela. A festa é apreendida pela sua própria prática, uma vez que está presente no agir da vida comunitária. Este ritual também é repassado pela educação familiar, religiosa, escolar e do modo de vida dessas comunidades.

As narrativas, como informações inscritas na memória dos protagonistas da festa, são fontes de informações que podem trazer inúmeras informações sobre os costumes e os valores da cultura local e regional. As informações podem mobilizar a festa e suas significações, reordenando, reforçando os sentidos instituídos. Assim, a festa possibilita a manutenção ou criação de novos sentidos, resultado das relações de força entre os grupos que disputam o poder na sociedade e lutam pelo controle da memória social.

A continuidade destes festejos está intimamente ligada ao espírito de comunidade e ao sentimento de pertença do grupo. Assim, enquanto as famílias, por meio de seus membros,

continuarem transmitindo os valores culturais e a tradição da festa como uma prática do grupo, as festas não serão apenas repassadas, mas estarão vivas na memória dos seus protagonistas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BASTIDE, Roger.; WACHTEL, Nathan. Memória e Tradição. In: RIVERA, Paulo Barrera(org.). **Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa**: sociologia do protestantismo contemporâneo na América na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

BAUER, Márcio André Leal. **A Construção Social da Identidade** : um estudo nas organizações de agricultura ecológica em duas regiões do RS. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Administração – UFRGS. Porto Alegre, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BIROU, A. **Dicionário das Ciências Sociais**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1976.

BORDIN, Alain. **A Questão Local**. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

BORNHEIM, Gerd A. O Conceito de Tradição. In: **Cultura Brasileira** : tradição/ contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Funarte, 1987. p. 13-29

FUNDAÇÃO IBGE. **Censo 2004**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=430480&r=1>>. Acesso em: 19 jun. 2005.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. **As Culturas Populares no Capitalismo** . São Paulo: Brasiliense, 1983. 149p.

_____. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOOLISHIAN, Harold A.; ANDERSON, Harlene. Narrativa e Self: alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia. In: SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa**. Madrid: Taurus, 1988. V.II

_____. **Identidades Nacionales y Postnacionales**. Madrid: Tecnos, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre Narrativa e Identidad**. In: ABRAHÃO, Marina Helena Menna Barreto (org.) *A Aventura(auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LATOUR, Bruno. Laboratórios, Bibliotecas e Coleções. In: BARATIN, Marc. ; JACOB, Christian. **O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LE COADIC, Yves M. **Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Prática Docente e Avaliação**. Rio de Janeiro: ABT, 1990.

MARTINS, Silvana. Vale do Taquari: seus escritos, sua identidade. In: HUPPES, Ivete (org.) **O Vale do Taquari: sinais de uma identidade**. Lajeado: UNIVATES, 2002.

MELLO, José Marques de. As Festas Populares: como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. In: **Líbero**, Ano III, V.3, n.6, p.56-63, 2000.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Festas Populares Hoje: muito além da tradição. INTERCON- Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação**. Campo Grande/ MS, setembro 2001.

MESQUITA, Zilá. **Antenas, Redes e Raízes da Territorialidade**. São Paulo: USP, 1992. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1992.

_____. Descobrir-se pela arte na escola isto é possível? **Arte e Educação em Revista**. Porto Alegre, Ano III, nº 4, p. 71-80 – Rede Arte na Escola/ Polo UFRGS, dez. 1997.

MORIGI, Valdir José. **Festas Camponesas**: um estudo em Estrela- Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado do Curso de Pós-Graduação em Sociologia Rural, Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS, Porto Alegre, 1989.

_____. ; SEMENSATTO, Simone; BINOTTO, Sibila F.T. “O Popular e o Massivo”: as formas de comunicação nas festas comunitárias em Estrela – Rio Grande Do Sul. **7º Conferência Brasileira de Folkcomunicação**, Lajeado: UNIVATES, 2004.

MORIN, Edgar. A noção de Sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Teóricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, vol. 42, p. 507-516, 2000.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “Sob o Signo do Fim”: uma reflexão antropológica sobre a globalização das sociedades e das culturas neste fim de século. FREITAS, Carmélia Brito(org.). Memória: **Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás**. Goiânia: UCG, 1998.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHEIBE, Karl E. Memória, Identidade e História. In: BASSIT, Ana Z.; CIAMPA, Antônioda C.; COSTA, Márcia R. (Coords.). **Identidade**: teoria e pesquisa. São Paulo: EDUC, 1985.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais In: WAGNER, H. (org.) **Textos Escolhidos de Alfred Schutz** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SEGRE, C. Narração/ Narratividade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias**: questões para a história da educação. São Paulo: Editora Autores Associados, c2000. p. 63-74.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade** : uma teoria social da mídia. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Marx. **Economia y Sociedad**: esbozo de sociología comprensiva. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

APÊNDICE A - Roteiro para entrevista

Nome:

Idade:

Onde reside:

Religião:

Organizador ou Participante:

- 1) Como o Sr.(a) ficou sabendo desta festa ?
- 2) Quanto tempo que o Sr.(a) frequenta as festas comunitárias de Estrela?
- 3) Na sua opinião, qual o objetivo destas festas ?
- 4) Qual a importância dessa festa para sua família e para a comunidade?
- 5) Quais os elementos da cultura regional e local que caracterizam as festas?
- 6) Como o Sr.(a) transmite a tradição da festa para seus filhos e parentes?
- 7) O que Sr.(a) sabe sobre as festas comunitárias? Fazendo uma comparação entre as festas de hoje e do passado, você nota alguma diferença/ mudança?